

*Nora Roberts*

*escrevendo como*

J.D.  
**ROBB**



*Promessa*

**MORTAL**



**BERTRAND BRASIL**

# Índice

[Capa](#)

[Outras obras](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Promessa mortal](#)

[Colofon](#)

# J. D. ROBB

## SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Mortal*

*Julgamento Mortal*

*Traição Mortal*

*Sedução Mortal*

*Reencontro Mortal*

*Pureza Mortal*

*Retrato Mortal*

*Imitação Mortal*

*Dilema Mortal*

*Visão Mortal*

*Sobrevivência Mortal*

*Origem Mortal*

*Recordação Mortal*

*Nascimento Mortal*

*Inocência Mortal*

*Criação Mortal*

*Estranheza Mortal*

*Salvação Mortal*

*Promessa Mortal*

*Nora Roberts*

escrevendo como

J. D. ROBB

PROMESSA  
MORTAL

*Tradução*  
Renato Motta

1ª edição

**B**  
**BERTRAND BRASIL**

Rio de Janeiro | 2018

Copyright © 2009 by Nora Roberts

Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Título original: *Promises in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R545p

Robb, J. D.

Promessa mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts sob o pseudônimo de J. D. Robb ; tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand, 2018.

recurso digital (Mortal)

Tradução de: Promises in death

Sequência de: Salvação mortal

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2299-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.

17-46847

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

O amor atrai para uma mulher quase  
toda a má sorte do mundo.

— WILLA CATHER

Laços familiares fortes podem  
significar pouca gentileza.

— WILLIAM SHAKESPEARE

# Sumário

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e Dois

Epílogo

## Prólogo

Na prática, ela já estava morta no instante em que atendeu ao *tele-link*. Não estranhou receber uma ligação daquela pessoa nem a urgência do chamado. Na verdade, ondas de prazer e de empolgação a invadiram ao desistir de seus planos de se deitar um pouco mais cedo naquela noite. Com movimentos graciosos e eficientes, vestiu-se às pressas e pegou tudo que precisaria levar.

Atravessou seu lindo apartamento, ordenou que as luzes se apagassem quase por completo e se lembrou de colocar para dormir o seu pequeno gato androide, que o homem que amava lhe dera para que servisse de companhia.

Ela o batizara de Sachmo.

Ele miou baixinho, piscou os olhos verdes muito brilhantes e se enroscou, encolhendo-se na forma de uma bola. Ela acariciou por alguns instantes o pelo branco e sedoso.

— Eu já volto — murmurou, fazendo uma promessa que não tinha como saber que seria quebrada.

Passou os olhos pelo apartamento ao abrir a porta e sorriu para o buquê de rosas vermelhas em plena e dramática floração na mesa, perto da janela que dava para a rua. E pensou em Li.

Saiu e trancou a porta pela última vez.

Seguindo um hábito arraigado, preferiu descer pela escada. Era uma mulher esbelta e de porte atlético com olhos de um azul escuro. O cabelo louro repartido ao meio caía por seus ombros como uma cortina que se abre para revelarem o rosto encantador. Ela estava com 33 anos e aproveitava uma época feliz em sua vida, flertando com os limites suaves do amor por um homem que lhe dava gatinhos e rosas.

Pensava em Nova York, em sua vida e naquele homem como um novo capítulo que ela se alegrava em percorrer página por página, desvelando aos poucos.

Apagou tudo isso da cabeça; focou a atenção no lugar aonde precisava ir e no que precisava fazer. Menos de dez minutos após a chamada, ela já estava no segundo lance de escada, virando-se para descer o seguinte.

Teve um instante para registrar o movimento inesperado da pessoa que iria matá-la saindo de seu esconderijo. Outro décimo de segundo foi para a surpresa quando ela reconheceu o rosto à sua frente. Porém, não houve tempo bastante para reagir, nem sequer para dizer alguma coisa antes que a rajada da arma de atordoar a atingisse na barriga e a derrubasse.

Voltou a si com um forte choque, uma ardência na pele e no sangue. Foi como sair do escuro para a luz. A rajada da arma deixara seu corpo entorpecido e sem forças, mesmo quando sua mente pareceu voltar à realidade. Paralisada, ela lutou, tentando qualquer movimento, e fitou os olhos da pessoa que



iria assassiná-la. Os olhos de uma pessoa amiga.

— Por quê? — A pergunta foi fraca, mas tinha de ser feita. Tinha de haver uma resposta. Sempre havia.

Ela teve essa resposta quando morreu no porão, cinco andares abaixo do seu lindo apartamento, onde as rosas floresciam em vermelho e um gatinho androide ronronava em seu sono.

# Capítulo Um

Eve saiu do chuveiro e entrou no tubo secador. Enquanto o ar quente girava ao seu redor, ela fechou os olhos e oscilou um pouco para a frente. Tinha acordado de um belo sono de oito horas corridas e despertara cedo o bastante para se deliciar com o que considerava a sua “hidroterapia”.

Trinta voltas na piscina seguidas por uma sessão de hidromassagem e um banho quente de vinte minutos. Aquele era um ótimo jeito de começar bem o dia.

A véspera fora um dia muito produtivo. Encerrara um caso em duas horas. Quando um cara resolvia matar seu *melhor amigo* para depois fazer parecer que tudo fora um assalto, obviamente não devia ser visto usando o relógio de pulso do tal amigo, ainda mais com o nome do dono gravado.

Eve também havia testemunhado no tribunal sobre um caso antigo, mas as alegações e a postura do advogado da defesa do acusado não tinham sequer arranhado a integridade de seu testemunho.

Para fechar o dia com chave de ouro, jantara em casa com seu marido e assistira a um bom filme. Depois, curtira um sexo excelente antes de apagar durante maravilhosas oito horas de sono.

Sua vida, no momento, estava ótima.

Ela só faltava cantarolar enquanto pegava o robe de banho pendurado atrás da porta. Fez uma pausa, franziu a testa e analisou a roupa. Era curta, sedosa e tinha cor de cerejas pretas.

Eve tinha certeza de que nunca vira aquela peça antes.

Encolhendo os ombros, vestiu o robe e entrou no quarto.

Havia muitas formas de um bom dia se tornar melhor, refletiu, e aquela ali estava no topo da lista. Roarke tomava café na saleta de estar enquanto examinava os relatórios matinais das bolsas de valores de todo o mundo no telão.

Aquelas eram as mãos que tinham feito magia em seu corpo na noite anterior; uma delas segurava o café e a outra acariciava distraidamente o gato gordo. Os olhos bicolores de Galahad pareciam fendas de êxtase ao fixar o dono — e ela o compreendia.

A linda boca esculpida de Roarke havia virado o corpo de Eve de cabeça para baixo e lhe proporcionado ondas de prazer, logo dissipadas, até que sobrasse somente um corpo relaxado, saciado.

A poucas semanas de completarem dois anos de casados, avaliou Eve, a quente atração que existia entre eles não mostrava sinais de enfraquecer. Como prova disso, seu coração deu uma cambalhota quando ele lentamente virou a cabeça, e seus olhos azuis e magnéticos se encontraram com os dela.

Será que ele também sentia aquilo?, perguntou a si mesma. Será que sentia toda vez? A todo momento?

Roarke sorriu, e tanto a inteligência quanto o prazer se espalharam por um rosto que, Eve imaginou tolamente, devia fazer os deuses chorarem de alegria pela sua criação.

Ele se levantou e foi até onde ela estava — muito alto, ágil e esbelto — para tomar o rosto de sua mulher entre as mãos. Foi apenas um roçar daqueles dedos ágeis sobre a sua pele antes de sua boca se encontrar com a dela e transformar em perfeita uma manhã já radiante.

— Café? — ofereceu ele.

— Quero sim, obrigada. — Eve era uma policial veterana, uma lenda na Divisão de Homicídios, “dura e implacável”, em suas próprias palavras. E seus joelhos estavam trêmulos. — Acho que deveríamos tirar alguns dias de folga. — Roarke programava o AutoChef para um café da manhã reforçado que, como Eve bem sabia, ele planejava que ela comesse. — Quem sabe em julho. Para comemorar o nosso segundo aniversário de casamento. Quer dizer... Se você conseguir encaixar isso entre a dominação mundial e suas conquistas planetárias.

— Engraçado você tocar no assunto.

Ele colocou o café na mesa e trouxe dois pratos. Parecia que bacon com ovos eram o cardápio daquela manhã. No sofá, Galahad se remexeu e abriu os olhos. Roarke simplesmente apontou um dedo para o gato e disse com firmeza:

— Não! — O gato o esnobou e tornou a se encolher. — Pensei em tirarmos algumas semanas.

— O quê? Nós? Longe daqui? Algumas semanas? Eu não posso...

— Sei, sei, o crime irá dominar nossa cidade em julho de 2060, reduzi-la a cinzas fumegantes, se a tenente Eve Dallas não estiver aqui para servir e proteger.

O sotaque irlandês envolvia sua voz com uma magia enevoada, enquanto ele pegava o gato inerte e o colocava no chão para abrir espaço no sofá para Eve.

— Talvez — murmurou ela. — Além disso, não vejo como você poderia se afastar dos negócios durante duas semanas, já que é dono de noventa por cento dos negócios no universo conhecido.

— Não mais que cinquenta por cento, na verdade. — Roarke voltou a pegar seu café, esperando que ela se juntasse a ele. — De qualquer modo, de que me serve ter tudo isso e mais você, querida Eve, se eu não puder arranjar tempo para ficarmos juntos, longe do seu trabalho e do meu?

— Eu talvez consiga me afastar por uma semana.

— Eu estava pensando em quatro.

— *Quatro*? Quatro semanas? Mas isso é um mês!

Seus olhos riram sobre a borda da caneca.

— Ah, é...? Puxa, acho que você tem razão.

— Eu não posso ficar fora durante um mês. Afinal, um mês é... um mês!

— Sim, um mês com certeza não é uma galinha, por exemplo.

— Rá-rá! Escute, talvez eu consiga esticar essa folga até dez dias, mas...

— Três semanas — contrapôs ele.

Eve franziu a testa, mas Roarke continuou:

— Já tivemos que cancelar nossos planos para férias curtas de fim de semana duas vezes este ano. Uma vez por causa do seu trabalho, outra por causa do meu. Três semanas.

— Eu não poderia tirar mais que duas, mesmo que...

— Duas semanas e meia, então. Dividimos a diferença ao meio. — Ele entregou um garfo a ela.

Eve franziu a testa mais uma vez.

— Você planejava duas semanas e meia desde o princípio.

Ele pegou na mão dela e a beijou.

— Seus ovos vão esfriar.

Ela já arrancara confissões de assassinos cruéis; já conseguira informações de delatores escorregadios só com a fúria dos olhos, mas nunca conseguiria sair em completa vantagem em uma negociação com Roarke.

— Para onde iremos durante essas maravilhosas duas semanas e meia?

— Aonde você gostaria de ir?

Dessa vez ela sorriu. Quem precisava de completa vantagem?

— Vou pensar a respeito.

Ela comeu e se vestiu, feliz por ter sobrado tempo bastante para se *demorar* um pouco mais. Enquanto prendia seu coldre com a arma, considerou a possibilidade de tomar mais uma xícara de café antes de ir para a Central de Polícia.

Seu comunicador tocou. Quando ela o pegou no bolso e viu “Emergência” na tela, todo o seu corpo assumiu a atitude de policial, dos pés à cabeça.

Roarke viu isso acontecer. Sempre o fascinava a forma como aqueles olhos cor de uísque podiam passar de descontraídos e sorridentes para duros e vazios em décimos de segundo. Ela estava ereta agora, seu corpo alto e magro pronto para a luta, as longas pernas ligeiramente abertas e as botas plantadas no chão com firmeza. Seu rosto e todos aqueles ângulos deliciosos não mostravam expressão alguma nesse momento. A boca generosa que estivera curvada em um sorriso momentos antes agora estava fechada e reta.

— Dallas falando.

*Emergência para a tenente Eve Dallas. Procure os policiais enviados à Rua 23 Oeste, número 525. Subsolo do edifício, um prédio residencial. Possível homicídio. Vítima do sexo feminino.*

— Entendido, estou a caminho. Entre em contato com a detetive Delia Peabody. Mande-a encontrar-se comigo na cena do crime.

— Bem, pelo menos deu tempo de você tomar o café da manhã — comentou Roarke quando ela guardou o comunicador. Ele roçou um dos dedos de leve pelo rosto de Eve e o deslizou até a covinha do queixo.

— Pois é. Não vou conseguir tomar essa última xícara de café. Por outro lado, essa mulher da Rua 23 Oeste também não vai mais tomar café nenhum.

Trânsito entupia as ruas. Primavera, pensou Eve, forçando passagem; época de narcisos e novos turistas. Ela abriu caminho através da Sétima Avenida, onde conseguiu seguir sem retenções por uns dez quarteirões. Com os vidros das janelas abaixados, deixou que o ar perfumado da cidade soprasse sobre ela e fizesse voar seu cabelo castanho curto e repicado.

O cheiro de substitutos de ovos e café com cara de lodo emanava das carrocinhas de lanches; poeira de concreto voava do calçamento, atacado por um bando de operários com britadeiras. O barulho da obra, a sinfonia das buzinas quando ela chegou a outro ponto de retenção, o ruído dos pés no pavimento enquanto os pedestres surgiam sobre um cruzamento... tudo isso criava a música urbana que ela entendia bem.

Eve reparou que os vendedores ambulantes — licenciados ou não — armavam suas mesas no meio da calçada, na esperança de atrair pessoas que estavam a caminho do trabalho ou turistas madrugadores com fome para um belo café da manhã. Bonés e camisetas substituíam as luvas e os cachecóis pesados do inverno. Os mercadinhos, já abertos, exibiam caixas de frutas ou flores em conjuntos coloridos que se propunham a alimentar o corpo e a alma.

Uma travesti com mais de um metro e noventa circulava com sandálias altíssimas de salto azul.

Sacudia sua longa cabeleira dourada e apertava com cuidado um melão para ver se estava maduro. Enquanto esperava o sinal verde, Eve olhou para uma senhora miúda com mais de 100 anos que se aproximou da travesti em sua cadeira de rodas motorizada. A travesti e a centenária se lançaram em uma conversa animada enquanto selecionavam frutas.

Você tem que amar Nova York, pensou Eve quando o sinal abriu. Ou, então, é melhor ficar longe. Ela virou em direção a Chelsea, totalmente em sintonia com a cidade que era sua.

Ao chegar ao número 525, parou e ligou a luz de “viatura em serviço”, ignorando os xingamentos mal-humorados e os gestos rudes lançados ao ar pelos seus companheiros nova-iorquinos. A vida e a morte na megalópole, pensou, quase nunca eram suaves.

Pendurou o distintivo na jaqueta, pegou o kit de serviço no porta-malas e se aproximou do guarda que estava na entrada.

— O que temos até o momento?

— O corpo está no porão, tenente. Sexo feminino, cerca de 30 anos. Sem identidade, sem joias, sem bolsa, nada que a identifique. Ainda está vestida, então não parece ter sido um crime sexual. — Ele a conduziu enquanto falava. — Um vizinho e o filho encontraram a vítima quando chegaram ao porão para pegar a bicicleta do menino, que estava em um dos guarda-volumes do prédio. O filho tinha ficado de castigo ou algo assim. O que importa é que eles deram o alarme. O homem que a encontrou acha que talvez ela more aqui, ou perto. Talvez a tenha visto antes, mas não tem certeza. Tirou o filho do local bem depressa e não deu uma boa olhada no corpo.

Eles seguiram por uma escada; suas pesadas botas e seus sapatos de policial faziam ruídos metálicos nos degraus.

— Eu não vi arma alguma, mas ela tem queimaduras aqui. — Ele bateu com os dedos na carótida. — Parece que foi atingida por uma rajada.

— Quero dois policiais fazendo o interrogatório preliminar nos apartamentos vizinhos. Quem viu o quando e o quê. Garanta que o vizinho e o filho fiquem em segurança. Qual é o nome deles?

— Terrance Burnbaum; o menino se chama Jay. Estamos cuidando deles no apartamento 602.

Ela acenou com a cabeça para os dois policiais que tomavam conta da cena do crime e ligou o gravador.

— Tenente Eve Dallas na cena da Rua 23 Oeste, número 525. Minha parceira está a caminho. Descubra se o prédio tem um zelador ou síndico. Se tiver, eu quero falar com ele.

Eve examinou os arredores com atenção antes de começar. Piso de concreto, vários guarda-volumes, canos, teias de aranha. Sem janelas nem portas. Sem câmeras de segurança.

— Vou querer todas as gravações do sistema de segurança das entradas do prédio e das escadas também. Encontre o síndico.

Ele a atraiu até aqui, pensou Eve quando abriu o kit de serviço e pegou a lata de spray selante. Ou então a forçou a vir até o porão. Talvez ela tenha descido para pegar alguma coisa e foi atacada. Não há saída secundária neste lugar.

Ela estudou o corpo ali de onde estava, enquanto cobria as mãos e as botas com o líquido selante. A vítima era magra, mas não parecia fora de forma. A cabeça estava virada para o outro lado, e fios louros lhe cobriam o rosto. Seu cabelo brilhava, e as roupas eram de boa qualidade.

Não era moradora de rua, pensou. Não com aquele cabelo, aquelas roupas de qualidade e aquela mão de unhas bem-tratadas à mostra.

— A vítima está deitada sobre o lado esquerdo do corpo, voltada para a escada. Não há marcas de pegadas visíveis no chão de concreto. Tudo parece limpo. Burnbaum moveu o corpo?

— Ele diz que não — respondeu o guarda. — Garante que apenas se agachou para sentir o pulso

da vítima. Disse que o corpo lhe pareceu frio e não tinha pulso; então percebeu que ela já estava morta. Aí pegou o filho e subiu para casa.

Eve deu a volta no corpo, agachada. Foi então que algo acionou um leve alarme em seu cérebro, uma espécie de reviravolta no estômago. Levantou os cabelos da vítima.

Por um instante, um segundo muito doloroso, tudo dentro dela ficou gelado.

— Droga. Cacete. Ela é uma de nós.

O guarda que a acompanhava deu um passo à frente.

— Ela é policial?

— Sim. Amaryllis Coltraine. Pesquise pelo nome agora mesmo e me consiga o endereço dela.

Detetive Coltraine... Puta que pariu.

Morris, pensou Eve. Que inferno.

— Este é o prédio dela, tenente. Ela mora no apartamento 405.

Ela confirmou as impressões digitais; precisava fazê-lo, tudo tinha de ficar registrado oficialmente. Seu medo e seu enjoo logo se tornaram uma fúria gélida.

— A vítima foi identificada como sendo a detetive Amaryllis Coltraine, do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York. Ela mora neste endereço, no apartamento 405.

Ela levantou a ponta do casaco leve.

— Onde está sua arma, Coltraine? Onde está a porra da sua arma? Eles a usaram contra você? Mataram você com a sua própria arma? Não há ferimentos visíveis que indiquem luta, as roupas não estão amarrotadas. Não vejo nada, exceto a queimadura de uma rajada de atordoar junto da garganta. Ele apontou sua própria arma contra sua garganta e apertou o gatilho, não foi? Com força máxima.

Ela ouviu um barulho de metal na escada, olhou para cima e viu sua parceira descendo.

Peabody tinha um ar fresco e primaveril. Seu cabelo se movia com leveza junto do pescoço e envolvia seu rosto quadrado numa névoa escura. Vestia um blazer cor-de-rosa e usava maquiagem igualmente rosa — uma escolha de cor que provocaria comentários sarcásticos de Eve se as circunstâncias fossem outras.

— Que assassinos simpáticos; esperaram quase a hora de começar nosso turno — disse Peabody com ar alegre. — O que temos para hoje?

— É a Coltraine, Peabody.

— Quem? — Peabody se aproximou, olhou para baixo, e toda a cor rosada pareceu escorrer de suas bochechas. — Meu Deus. Ah, meu Deus. É a garota de Morris... Ah... Não pode ser!

— Ela não está portando a arma dela. Pode ser a arma do crime. Se estiver aqui, temos que encontrá-la.

— Dallas...

As lágrimas surgiram nos olhos de Peabody. Eve as entendia e também as sentia na própria garganta. Limitou-se a sacudir a cabeça.

— Mais tarde vamos lamentar. Mais tarde! Guarda, quero que você chame um companheiro e verifique o apartamento dela. Faça questão de examinar tudo. Quero ser informada caso algo seja encontrado, e mesmo que não seja. Quero ser informada de tudo. Agora!

— Sim, senhora. — Ela percebeu na voz do guarda não as lágrimas, mas a raiva em estado latente. O mesmo sentimento que tinha embrulhado o estômago dela.

— Dallas. Dallas, como vamos contar isso para ele? — quis saber Peabody.

— Trabalhe aqui na cena do crime. Precisamos cuidar do agora. O que vier depois veremos depois. — A própria Eve não sabia a resposta. — Procure pela arma dela, pelo coldre, qualquer outra coisa que possa ser dela. Trabalhe na cena, Peabody. Vou examinar o corpo.

Suas mãos estavam firmes quando ela pegou os aparelhos de medição e se lançou ao trabalho. Manteve a pergunta de Peabody longe da mente; a preocupação sobre como ela contaria aquilo ao chefe dos médicos legistas do departamento. Como ela contaria ao seu amigo que a mulher que tinha colocado o brilho em seus olhos estava morta.

— Hora da morte: 23h40 da noite passada.

Depois de fazer tudo que podia ali, Eve se ergueu e endireitou as costas.

— Teve sorte? — perguntou a Peabody.

— Não. Todos esses armários... Se o assassino deixou a arma e a escondeu por aqui, há muitos lugares.

— Vamos chamar os peritos para que investiguem isso. — Eve massageou o espaço entre os olhos. — Temos de conversar com o vizinho que notificou a polícia e com o filho dele. Depois, vamos examinar o apartamento dela. Não podemos levá-la para o necrotério até que Morris seja informado. Ele não pode descobrir desse jeito.

— Não. Pelo amor de Deus, é claro que não.

— Deixe-me pensar. — Eve olhou fixamente para a parede. — Descubra em que turno ele está. Não podemos deixar que a levem para o necrotério até que...

— Os policiais da cidade sabem quando um de nós é assassinado, Dallas. A notícia vai começar a se espalhar. Policial. Sexo feminino. Neste endereço ou simplesmente nesta região. Se Morris ouvir os rumores...

— Merda, tem razão. Você está certa. Assuma tudo aqui. Os guardas estão com Terrance Burnbaum e o filho no apartamento 602. Fale com eles primeiro. Não deixe que eles a levem da cena do crime, Peabody.

— Tudo bem, não vou deixar. — Peabody fez uma pesquisa rápida no tablet. — Uma coisa boa, pelo menos: Morris hoje está trabalhando no turno de meio-dia às oito da noite. Não deve chegar ao necrotério tão cedo.

— Eu irei até a casa dele. Pode deixar que eu dou a notícia.

— Santo Cristo, Dallas! — As palavras saíram trêmulas. — Meu Deus!

— Se você terminar no 602 antes de eu voltar, comece a examinar o apartamento dela. Pente fino, Peabody. — Passo a passo, Eve lembrou a si mesma. Siga todos os passos sem hesitar. Pense sobre a dor e o sofrimento mais tarde. — Entre em contato com a Divisão de Detecção Eletrônica, mas me dê algum tempo antes de convocá-los. Quero varreduras em todos os aparelhos de comunicação dela, todos os computadores. Os guardas estão procurando o síndico, peça para eles pegarem todos os discos de segurança. Não se esqueça de...

— Dallas — disse Peabody, com voz suave. — Eu sei o que fazer. Você me ensinou o que fazer. Eu cuidarei dela. Pode confiar em mim.

— Eu sei. Eu sei. — Eve lutou para deixar escapar um nó que teimava em travar a garganta dele. — Eu não sei o que vou dizer a ele. Não sei como dar essa notícia.

— Não existe jeito fácil.

Não poderia existir, pensou Eve. Não deveria existir.

— Pode deixar que eu aviso a você quando... Quando eu acabar.

— Dallas. — Peabody estendeu o braço e apertou a mão de Eve. — Diga a ele... quando lhe parecer o momento adequado... diga a ele que eu sinto muito. Sinto de verdade.

Com um aceno de cabeça, Eve partiu em sua missão. O assassino tinha saído por ali, pensou. Havia apenas uma saída. Havia saído por aquela escada e saído por aquela porta. Ela reabriu seu kit de serviço sem saber se estava paralisada ou se simplesmente estava fazendo seu trabalho. Pegou os

minióculos, estudou a fechadura, o portal e não encontrou sinal algum de arrombamento.

Ele pode ter usado o cartão magnético da própria Coltraine, pensou Eve. A menos que ele já estivesse aqui antes dela, pode tê-la atacado quando ela desceu.

Droga, maldição, ela não conseguia *vê-lo*. Não conseguia limpar sua mente para vê-lo sem envolvimento pessoal. Subiu até o primeiro andar e depois repetiu o processo na porta dos fundos do prédio, mas obteve os mesmos resultados negativos.

Um morador... alguém que teve sua entrada liberada por um morador — quem sabe a própria vítima. Pode ter sido alguém com uma chave mestra ou habilidade para arrombar fechaduras.

Estudou a câmara de segurança na porta dos fundos. Fechou a porta por dentro e a trancou quando um dos guardas apareceu.

— O apartamento está em ordem, tenente. Cama feita, sem pratos espalhados, tudo limpo e arrumado. As luzes estavam fracas. Ela, ahn, tinha um gatinho robótico. Ela o deixou em modo de suspensão.

— Você encontrou a arma e o distintivo dela?

O maxilar dele se apertou.

— Não, senhora. Encontramos um pequeno cofre no armário do quarto. Havia um espaço para a sua arma principal, outra para uma arma de perna, e o coldre para ambas. Nenhuma das duas armas estava lá. O cofre não estava trancado. Também não vimos o distintivo, tenente. Não procuramos em toda parte, mas...

— O que você faz com o seu distintivo quando se vê fora de serviço e em casa, policial... Jonas?

— Eu o coloco em cima da cômoda.

— Exato. Bloqueia a arma e deixa o distintivo na cômoda. Talvez em cima do cofre, mas em algum local de fácil acesso. A detetive Peabody será a responsável pelas buscas no apartamento, agora. Eu não quero que o nome da vítima seja divulgado, entendeu? Não quero vazamentos. Mantenha a informação em sigilo até eu liberar. Entendido?

— Sim, senhora.

— É uma de nós lá embaixo. Ela merece esse respeito.

— Sim, senhora.

Ela saiu, ficou parada na calçada e respirou devagar. Permitiu a si mesma só respirar um pouco. Olhou para cima e observou as nuvens que se arrastavam pelo céu. Cinza-escuro sobre azul. Uma imagem adequada, pensou. Adequadíssima.

Caminhou até a viatura e a abriu. Preso em uma vaga ao lado, um motorista colocou a cabeça para fora da janela do carro e sacudiu o punho na direção de Eve.

— Malditos policiais! — gritou ele. — Pensam que são os donos das ruas, não é?

Ela se imaginou indo até a janela e enfiando a mão na cara dele, porque uma das policiais que ele acabara de xingar estava morta em um piso de concreto ali perto, em um porão sem janelas.

Talvez alguma coisa tenha transparecido em seu rosto, no olhar rígido e frio. O sujeito recolheu a cabeça, subiu o vidro do carro e trancou as portas do veículo por dentro.

Eve olhou para ele por mais um momento e viu quando ele se encolheu diante do volante. Então entrou em seu carro, recolheu a luz que indicava “viatura em serviço” e foi embora.

Teve de procurar o endereço de Morris e usou o computador do painel para isso. Estranho, pensou. Nunca estivera no apartamento dele. Ela o considerava um amigo — um bom amigo, não apenas um conhecido ou colega de profissão. Porém, eles raramente se encontravam socialmente, fora do trabalho. Por que seria?

Talvez porque ela resistia à socialização como se fosse a extração de um dente? Sim, era bem



possível.

Eve sabia que Morris gostava de música — apreciava especialmente jazz e blues. Tocava saxofone e se vestia como uma estrela do rock em ascensão; tinha a cabeça cheia de informações e trivialidades interessantes, muitas vezes incompreensíveis.

Tinha humor, profundidade. E um grande respeito pelos mortos. Grande compaixão por aqueles deixados para trás pela morte.

Dessa vez, era uma mulher que ele talvez... Será que ele a amava?, perguntou Eve a si mesma. Talvez, podia ser que sim. Ele certamente se importava profundamente com aquela mulher, a policial que estava morta. E agora tinha sido ele quem ficara para trás.

As nuvens trouxeram uma fina chuva de primavera, daquele tipo que parecia borrifar levemente, em vez de despencar pesadamente sobre o para-brisa. Se a garoa durasse mais um pouco ou aumentasse de intensidade, os vendedores surgiriam do nada com guarda-chuvas. Essa era a magia do comércio de Nova York. O tráfego de veículos se tornaria mais lento; o tráfego de pedestres, mais rápido. E por algum tempo as calçadas brilhariam como espelhos negros. Os traficantes ilegais cobririam a cabeça com seus capuzes para prosseguir com os negócios ou correriam em busca de proteção sob os portais e marquises até a tempestade passar. Se houvesse mais de uma hora de chuva, seria mais fácil achar um diamante na calçada do que encontrar um táxi desocupado.

Deus abençoe Nova York... Até a cidade comer você vivo, pensou ela.

Morris morava no Soho. Ela devia ter adivinhado. Havia algo de boêmio, exótico e artístico no homem que escolhera ser o médico dos mortos.

Ele tinha uma tatuagem do Anjo da Morte vestindo uma túnica negra e uma foice. Eve vira isso inadvertidamente quando ligara para ele uma vez no meio da noite e o legista não se dera ao trabalho de bloquear o vídeo. Embora estivesse na cama e malcoberto por um simples lençol.

Um homem muito sexy. Não era de admirar que Coltraine tivesse...

Ah, Deus. Ah, Deus!

Ela parou de repente, sem conseguir evitar, e ficou procurando uma vaga para a viatura junto da calçada. Artistas locais tentavam vender suas mercadorias ou as tiravam da calçada e as levavam para suas barraquinhas a fim de protegê-las da chuva. Figuras descoladas demais para se contentar com as lojas da moda moravam ali em apartamentos pequenos, em meio a restaurantes variados, clubes e casas noturnas.

Ela encontrou uma vaga a três quarteirões do prédio de Morris. Atravessou a chuva enquanto as pessoas se precipitavam e pareciam girar em torno dela, procurando abrigo.

Ela subiu alguns degraus até a porta do prédio e se preparou para tocar a campainha. Não conseguiu. Ele a veria pela tela do interfone e isso lhe daria muito tempo para pensar ou então ele perguntaria o que tinha acontecido e ela não poderia responder. Em vez disso, Eve violou sua privacidade e usou a chave mestra para entrar em um pequeno saguão, compartilhado pelos outros apartamentos.

Subiu pela escada para ganhar um pouco mais de tempo e andou em círculos diante da porta de Morris. O que diria a ele?

Não podia seguir o roteiro padronizado, formal e distante: *Lamento informar... Meus pêsames pela sua perda*. Não ali, não com Morris. Rezando e pedindo alguma inspiração salvadora que a levasse pelo caminho correto, apertou a campainha.

Durante o tempo que esperou, sua pele esfriou. Seu coração bateu com mais força. Ouviu a fechadura se abrir e viu a luz de bloqueio passar de vermelho para verde.

Ele abriu a porta e sorriu para ela.

O cabelo de Morris estava solto. Ela nunca tinha visto seu cabelo solto, escorrendo pelas costas, sem estar trançado. Vestia uma calça e uma camiseta pretas. Seus exóticos olhos amendoados pareciam um pouco sonolentos. Ela percebeu o sono em sua voz quando ele a cumprimentou.

— Olá, Dallas. Uma visita inesperada bate em minha porta em uma manhã chuvosa.

Ela percebeu um ar de curiosidade nele. Nada de alarme, nada de preocupação. Ela sabia que seu próprio rosto não demonstrava coisa alguma. Pelo menos por enquanto. Isso iria levar mais um segundo ou dois, pensou. Apenas alguns segundos antes de despedaçar o coração dele.

— Posso entrar?

# Promessa mortal

*Site da autora:*

<http://www.jdrobb.com/>

*Facebook da autora:*

<https://www.facebook.com/jdrobbauthor>

*Pinterest da autora:*

<https://br.pinterest.com/explore/jd-robb/>

*Goodreads da autora:*

[http://www.goodreads.com/author/show/17065.J\\_D\\_Robb](http://www.goodreads.com/author/show/17065.J_D_Robb)

*Skoob da autora:*

<https://www.skoob.com.br/autor/1207-j-d-robb>

*Livros da autora publicados pela Bertrand:*

[http://www.record.com.br/autor\\_livros.asp?id\\_autor=4133](http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=4133)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.